

NOS COMPASSOS DA HISTÓRIA ORAL: MEMÓRIAS E VESTÍGIOS DO BOI ROUBADO

Mirian Carvalho Miranda¹

INTRODUÇÃO

A pesquisa (em andamento) investiga os rastros das trajetórias² negras, na cidade de Araci-Bahia, e suas redes de sociabilidade, sobretudo a festa do “Boi Roubado”, no período compreendido entre os anos de 1960 a 1970. Pretende-se, seguir os indícios do povo negro, lançando mão dos vestígios deixados por ex-escravos(as) e seus descendentes, neste caso, documentos cartoriais e a tradição oral.

O recorte espacial da pesquisa foi delimitado para atender ao seu objeto, as trajetórias da população negra e suas redes de sociabilidade. Logo, os indícios e o cruzamento de fontes permitiu localizar os descendentes de ex-escravos(as) residindo na comunidade negra rural de Pau de Rato. O município de Araci-Bahia integra a Região Sisaleira e está localizado a 210 quilômetros da capital Salvador. Em Araci, as classes subalternizadas e suas expressões culturais estão ausentes da história oficial³, silêncio que esta discussão pretende questionar.

Os rastros da população negra ressoam a partir das narrativas e testemunhos de seus descendentes que, por meio da memória e da tradição oral, reconstituem os modos de vida de seus ancestrais. A delimitação temporal tem como marco o momento de maior incidência na prática da festa “Boi Roubado”. Ademais, a celebração fazia parte do contexto rural quando as máquinas⁴, ainda, não eram utilizadas nos afazeres da roça.

LEMBRANÇAS QUE PULSAM IMBRICADAS COM EXPERIÊNCIAS DE VIDA: A TRADIÇÃO ORAL E A MEMÓRIA

As redefinições metodológicas, em constante processo, caminham na perspectiva de diferentes métodos e abordagens que visam responder a novas perguntas. A História Oral foi apropriada pelos historiadores, nos anos 1970⁵, na perspectiva de ouvir às vozes ausentes da história oficial que, até então, marginalizou a diversidade dos sujeitos “comuns”. O novo campo historiográfico, em plena disputa, dialoga com outras áreas do conhecimento – antropologia, sociologia, filosofia, entre outras –, no intuito de analisar novos problemas, a partir de diferentes olhares.

A inserção dos grupos “subalternos” na historiografia têm contestado as leituras contínuas e as análises estruturalistas da sociedade. A tradição oral nos apresenta outras tramas cotidianas que questionam o passado unilateral das narrações holísticas e dominantes. Logo, as lutas diárias e as práticas urdidas na vida real ganham espaço nas discussões historiográficas, ampliam-se as perspectivas de investigação e o interesse dos pesquisadores na apreensão da realidade.

Redimensionar o “refletor da história” na direção dos protagonistas anônimos mudou a nossa relação com o passado. As novas dimensões de compreensão exprimem as contradições entre a autoridade da palavra escrita e os ritmos da memória. As experiências subjetivas brotam da tradição oral e revelam os múltiplos significados que os sujeitos dão as lutas do cotidiano. Como nos chama atenção Chartier (2006, p. 215):

Ao passar da história das estruturas e das conjunturas para as das representações e das práticas (e mais particularmente das práticas sem discurso e das representações mais comuns) a história moderna multiplicou as questões para as quais, em último caso, não existe resposta possível nas fontes disponíveis.

As experiências são sentidas nos mais diversificados campos de lutas e contradições. A(s) cultura(s) e a(s) memória(s) estão entrelaçadas na dinâmica relação entre o tempo e as vivências. Nesse diálogo, a cultura e a memória, apresentam algumas respostas aos questionamentos que não foram elucidados pela documentação, uma vez que, as memórias são conduzidas nos compassos da história oral, lembranças que pulsam imbricadas com experiências de vida e se (re)elaboram, constantemente, nas pelejas do cotidiano.

Na discussão em que passado e presente se reconstituem no ofício do historiador, ampliam-se as possibilidades para o estudo do tempo presente. Nesse sentido, Chartier (2006, p. 216) problematiza que, para “o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cuja maneira de pensar e de sentir ele reconstrói.”. Portanto, o historiador embebido do seu presente e da sua subjetividade é aquele que, ao mesmo tempo, vive, observa, interage e pensa a sua realidade.

Para Halbwachs (1990), o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência. A memória é construída em meio à teia social, mas é também, um trabalho do sujeito. De igual maneira, a memória e a lembrança estão entre, os

fos condutores da reconstituição das trajetórias negras. Relatos orais, muitas vezes, podem permitir uma visão mais dinâmica da vida real de grupos e comunidades.

As experiências, individuais e coletivas, são responsáveis por organizar as memórias herdadas ou (re)significadas pelo contexto. Conforme, Bosi (1994, p. 55), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.”. A memória é construída por um complexo jogo de relações do indivíduo com o social e o subjetivo. Portanto, o trabalho de organização da memória precisa ser estudado, ao mesmo tempo, em que os objetos da história se diversificam.

Os compassos e as “distorções” da memória são recursos valiosos para reconstituir vivências. Porém, transitar nas searas dos relatos orais “não significa considerar que eles falam por si mesmos de uma forma simples ou que seus significados são autoevidentes.” (CRUIKSHANK, 2006, p. 155). É preciso considerar os fatores cambiantes da memória e as tonalidades que a revestem, pois são preenchidas por experiências subjetivas em um diálogo persistente e, muitas vezes, contraditório entre a vida real e a história oficial.

OS INDÍCIOS DAS TRAJETÓRIAS NEGRAS EM ARACI-BAHIA

O silêncio de muitos pesquisadores e, mais especificadamente, historiadores sobre as expressões culturais das classes subalternas, tem sido apontado em várias propostas metodológicas que acompanham a História Social e a Nova História Cultural, reflexões que frutificaram as bases historiográficas da micro-história⁶. De acordo com Ginzburg (1989), a busca pelos indícios nos leva a desvendar fatos negligenciáveis, o que nos permite tecer explicações sobre as problemáticas ignoradas pela história macroestrutural.

A ênfase nas minúcias, a partir da “ligação nominativa”, conduz a análise dos documentos. De acordo com Revel (1998, p. 21), ao “acompanhar um fio de um destino particular” por meio do “nome”, Carlo Ginzburg e Carlo Poni diversificaram, ainda mais, as orientações metodológicas no intuito de compreender a multiplicidade dos espaços e dos tempos que o indivíduo pode se inserir. Além disso, a redução da escala de observação permite trazer para o debate situações que de outra forma seriam imperceptíveis, como é o caso das trajetórias e das práticas culturais de grupos subalternos.

O “método indiciário” utilizado para a análise dos documentos cartoriais permitiu a reconstrução dos primeiros indícios das trajetórias negras em Araci-Bahia. À medida que os

documentos cartoriais foram cruzados com os depoimentos orais – falas que intermediam representações, lugares, situações e práticas – foi possível reconstituir os vínculos familiares entre ex-escravos(as) e outros indivíduos que residem na comunidade negra rural de Pau de Rato.

(...) Aos vinte e sete dias do mês de maio de mil oitocentos e oitenta, neste Districto de Paz da Parochia de Nossa Senhora da Conceição do Raso, município de Tucano, Província da Bahia, compareceu em meu cartório Antonio Gonsalves dos Santos e Josepha escrava de Antônio Ferreira da Motta perante as testemunhas abaixo nominadas e assinadas, declararam que no dia dezenove do dito mês e ano na matriz desta Freguesia foi declarado, digo celebrado o casamento deles declarantes, pelo pároco da mesma Freguesia o padre, Benvenuto Simões de Oliveira, ele livre, lavrador natural e residente desta Freguesia com idade de vinte e cinco anos, filho legítimo de José Gonsalves dos Santos e Maria das Virgens, e ela escrava do senhor acima mencionado do qual obteve licença para o dito casamento do serviço da lavoura, natural e residente nesta Freguesia com idade de vinte anos, filha de Ignácia (...). Fórum Júlio Carvalho Oliveira, Cartório de Araci-Bahia, Livro de registros de casamento (1878-1882), n.1.

As histórias de vida se entrecruzam no itinerário percorrido pela escrava Josepha. A partir dela encontra-se o fio que conduz as trajetórias dos ex-escravos(as) e os descendentes da comunidade negra rural de Pau de Rato. As informações concedidas pelos moradores possibilitaram refazer as redes familiares constituídas a partir do casamento de Antonio Gonsalves dos Santos e a escrava Josepha.

O protagonismo da “ação humana” vem adquirindo fôlego desde os posicionamentos de Marc Bloch⁷. As discussões sobre a excelência do documento escrito questionaram a soberania dos “documentos históricos” e a seleção absoluta de fontes escritas. Nesses compassos, os caminhos percorridos pela historiografia dilataram a visão sobre o que poderia ser “fonte histórica”, bem como, abalaram a supremacia do documento.

As diversas possibilidades de fontes nos permitiu ouvir outras mediações e evidências, inclusive o seu cruzamento com as distintas versões e contradições da teia social. Diante das reflexões que questionaram a “autonomia documental escrita” o diálogo entre as fontes – orais e escritas - é adotado como condição elucidativa para rastrear as trajetórias de vida.

Os retalhos de vivências destacaram nomes, lugares e pessoas no tempo e no espaço. Alargaram as possibilidades de rastrear os descendentes de escravos(as) dispersos em diferentes comunidades rurais em Araci-Bahia. Ao cruzar o registro de nascimento de um dos

moradores da comunidade de Pau de Rato com os nomes de escravos(as), verificou-se que se trata de um descendente direto da escrava Josepha e do liberto Antonio Gonsalves dos Santos.

A escrava Josepha era cativa de Coronel Antônio Ferreira da Motta⁸, influente político, fazendeiro e, por conseguinte, proprietário de escravos(as) na Vila do Raso⁹. Ademais, o coronel tinha muitas terras nas proximidades de Pau de Rato e os primeiros moradores da comunidade eram seus vaqueiros, o que torna ainda mais estreita a relação dos ex-escravos(as) com os descendentes da comunidade. As experiências desses sujeitos podem nos conceder as pistas de “como” esses grupos partilhavam crenças, códigos e atitudes em seus contextos de vida e de luta.

PELEJAS DO COTIDIANO: MEMÓRIAS E VESTÍGIOS DO BOI ROUBADO

A política dinâmica da vida cotidiana é cercada de incertezas, problemas e escolhas que, embora façam parte de teias sociais mais amplas se reelaboram nas experiências vividas de cada sujeito ou grupo social. Não é apenas, a vida material que influencia as experiências, a cultura é o palco de muitas lutas travadas por homens e mulheres nos diferentes espaços e situações. Os grupos e os sujeitos atuam no seu contexto simbólico e material a ponto de deixarem marcas duradouras que se constituem em vestígios reinscritos nas memórias.

Os diferentes “modos de fazer” preenchem e movimentam as relações do cotidiano. Práticas que foram circunscritas nas criações anônimas e adquirem, nesta reflexão, rostos por meio de memórias, temporalidade e lugar definido. Expressões culturais que rompem o silêncio historiográfico e desprendem-se de conceitos fechados como cultura popular.

Peter Burke (1989) é contundente em demarcar a historicidade e discutir quais interesses revestiram o conceito de “cultura popular”. Nesse processo, rever as abordagens conceituais que problematizam a história da cultura é, portanto, compreender como o folclore e o conceito de cultura popular, foram construídos para atender aos anseios de grupos intelectuais. O interesse pelo “povo comum” e suas expressões não surgiu do vazio. Pelo contrário, tinha o intuito de “reformular”, “descobrir” ou mesmo “redescobrir” uma cultura popular perante a fronteira da “classe letrada” que os separavam.

Os caminhos sinuosos preenchem os diferentes significados concedidos às práticas variáveis dos sujeitos em seus espaços de luta. Thompson (1998, p.17) e Burke (1989, p. 25) entendem a cultura como “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as

formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados”, porém Thompson (1998) acrescenta que as necessidades materiais e culturais são travadas nas experiências dos sujeitos e adquirem novas formas na fricção de seus contextos. Conforme nos expõe o senhor João Lino:

Eu já roubei um bataião do cunhado meu, já é falecido, tava com um ano muito bom, chuvoso, feijão nas roças tava arriando, ai eu formei uma turma, era bom pra trabalhar no bataião, ele apertado com os trabalho de roça, chuva nesse tempo era... Rapaz vou caçar o João pra limpar os feijões de uma vez. Soltemo o foguete 04:00 cantemo o boi, ele levantou: Maria! Quem foi que descansou? Ai lembrou! Eta Maria! E agora é um bataião roubado e é dentro da minha roça, e agora que é que eu faço os bicho estão na capoeira. Foi chegando homem, foi chegando homem, sete horas da manhã chegou descabriado no meio da roça, viu meio mundo de homem trabaiano no meio da roça chupano melancia, bebendo cachaça, pegou o porco matou botou nas costas para o almoço, ai foi providenciar carneiro pra noite. Quando terminava, pegava a bandeira e ia sambar a noite toda, chegava um momento que passava a bandeira uma pela outra. LINO, João. **João Lino:** depoimento [fev. 2015]. Entrevistadora M. Carvalho. Araci, 2015. 1 arquivo. Áudio mp3 (45 min.). Entrevista concedida a autora para pesquisa histórica.

O “Boi Roubado”, “Batalhão”, “Boi de Roça”, “Digitório ou Adjutório”, como são conhecidos e interpretados sertões a fora, são táticas de resistência dos sertanejos(as) em tempos que as máquinas não faziam parte do espaço rural. O trabalho era feito com o arado movido à tração animal e instrumentos como a enxada.

Nos períodos de plantio e colheita, além de outros serviços, a comunidade se reunia em mutirão - uma mobilização coletiva e gratuita de indivíduos para benefício mútuo na comunidade -, no qual os favorecidos não sabiam da intenção do grupo, por conta disso, o batalhão era “roubado”. Contudo, os afazeres eram feitos ao som das entoadas e cânticos que festejavam os modos de viver no Sertão. No final do dia o samba, a bandeira, a reza e os versos celebravam o trabalho em intenso caráter lúdico. Como recorda o senhor Malaquias:

Oh bandeira branca enfeitada de fulo, ohh, ohh, heei haaa, o que enfeitou a bandeira foi uma dona de valor, eu vou chorar, por que ele ainda não viu o meu amor. As moças da Barreira, só tem uma roupa só, de manhã lava, meio dia bota no sol, e ainda passa ferro hoje e vai pro forró. MALAQUIAS. **Malaquias:** depoimento [fev. 2015]. Entrevistadora M. Carvalho. Araci, 2015. 1 arquivo . Áudio mp3 (30 min.). Entrevista concedida a autora para pesquisa histórica.

Os vestígios de um passado reelaborado pelas memórias de vida ganham contornos na tradição oral dos moradores da comunidade negra rural de Pau de Rato. As reações dos

sujeitos são pensadas de acordo com Certeau (1998), como a arte do mais fraco perante as leis de forças estranhas e impostas. Táticas cotidianas de uma comunidade pobre que integra a Região do Sisal. Experiências vividas que interligaram regras e comportamentos nas práticas de sociabilidade.

As entoadas e versos do “Boi Roubado” eram cantados em dupla, desafio que chegava até o limite da voz do cantador. O estourar de foguetes, nas cercas das roças e fazendas, dava início simbolicamente as atividades da festa. O dono da roça, surpreendido pelo grupo, providenciava um pano vermelho para representar a sua bandeira que era trocada pela bandeira branca trazida por quem roubou o batalhão. Práticas evidenciadas pelo senhor Agripino Gonsalves morador da comunidade:

Nós ia roubar os bataião, saíamos de casa como hoje a noite ia dormir no ponto, pra roubar aquele bataião, 04:00 da manhã, nois estava na roça soltando o boi, soltamos fogos, e rolava o dia todinho, pegava 04:00 da manhã parava 17:00 da tarde, ai voltava cantando a bandeira. Tinha o grupo do bataião cantador, tinha as pareia tudo certo, fazia as bandeira com um pano, enfeitava a bandeira com as nota de dinheiro e agora, era duas bandeira, ficava passando uma pela outra era bonito. GONSALVES, Agripino. **Agripino Gonsalves**: depoimento [fev. 2015]. Entrevistadora M. Carvalho. Araci, 2015. 2 arquivo. Áudio mp3 (50 min.). Entrevista concedida a autora para pesquisa histórica.

Por sua vez, compreender como as pessoas reagem as “estruturas objetivas”, a partir das “experiências vividas”, significa extrapolar as barreiras estruturais das representações conceituais estáticas. A festa do “Boi Roubado” é entendida como a resposta de homens e mulheres pobres que encontraram no mutirão a forma de transpor as condições materiais de suas vidas.

Os batalhões eram roubados com diferentes intenções: ajudar alguém da comunidade que estava enfermo e tinha seus afazeres atrasados, acudir pequenos agricultores que não tinham condições financeiras para pagar os serviços de trabalhadores em sua roça, ou mesmo, participar da festa com muita comida e bebida, oferecidas por grandes fazendeiros nos entornos das comunidades. Segundo o senhor Agripino Gonsalves:

Nois saia daqui pra roubar o bataiao no João Vieira, Tartuliano Góes um veio que tinha lá, nois saia daqui meia noite e ia dormir no pé da cerca, pra roubar escondido, quando ele acordava era com os foguetes, soltava o foguete e agora tocava enxada pra dentro e o boi, meio dia o porco, os tacho era coziado tudo ai debaixo do umbuzeiro, quando desse de noite samba até de manhã. GONSALVES, Agripino. **Agripino Gonsalves**: depoimento [fev.

2015]. Entrevistadora M. Carvalho. Araci, 2015. 2 arquivo Áudio mp3 (50 min.). Entrevista concedida a autora para pesquisa histórica.

Thompson (1998, p. 194) afirma que, “os valores não são ‘pensados’, nem ‘chamados’; são vividos e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem nossas ideias”. Portanto, na organização coletiva de homens e mulheres em mutirão não estava em jogo apenas o econômico e o social, mas também o simbólico. As reflexões proporcionadas junto à pesquisa (em andamento) têm demonstrado que, as redes de solidariedade entre as pessoas da comunidade de Pau de Rato possibilitaram a composição das práticas de sociabilidade. Sertanejos(as) que se organizavam para superar as agruras da vida material por meio da plasticidade de suas expressões culturais.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

As práticas de sociabilidade expressam como homens e mulheres representam, reelaboram e, muitas vezes, consolidam aprendizados, valores e normas. O “Boi Roubado” foi uma festa que deve ser problematizada, transpondo as compreensões simplistas que a concebem enquanto fuga da realidade, espaço transitório de escape e brincadeira descomprometida do seu contexto. Este modelo de explicação aprisiona os sujeitos em relações passivas, ao mesmo tempo em que interpretam os eventos culturais como resultado da relação base-superestrutura.

A História Oral nos oferece meios para problematizar as vozes esquecidas e concede visibilidade as expressões culturais do povo negro e de seus descendentes. Além disso, a vitalidade e abrangência da memória questionam os silêncios na historiografia oficial, posicionamento metodológico que fortalece a capacidade democrática da história.

De certo modo, as memórias retomam as experiências e os diferentes significados que são reelaborados pelo cotidiano. As práticas de sociabilidade não devem ser prescindidas, exclusivamente, por documentos, pois se tratam de lembranças vivas. As vozes que a história oficial, restrita a interpretações unilaterais, desconsiderou.

As diferentes fontes, orais e escritas, se complementam na discussão. Revelam claramente a possibilidade de repensar as leituras que analisam os processos históricos como

amontoados de episódios, organizados numa sucessão linear de eventos. Portanto, trata-se de considerar a “variação das escalas de observação” com a mesma preocupação de não enquadrar as experiências dos sujeitos em fórmulas teóricas. O diálogo tem o caráter de problematizar o processo inacabado da história. O que significa confiar no caráter revisionista e construtivo da História Oral.

NOTAS

¹ Estudante de Mestrado em História na Universidade Estadual de Feira de Santana – PPGH/UEFS.

² Sobre “trajetórias” ver: SLENES (1999), FRAGA (2006) e CARVALHO (2013), os autores fazem a reconstrução das trajetórias de ex-escravos(as) por meio do cruzamento entre documentos cartoriais e outras fontes. Para melhor discussão do método de investigação consultar: Carlo Ginzburg et al., **A micro- história e outros ensaios**, p. 175-176, no qual se faz uso do nome para rastrear percursos individuais e redes sociais.

³ A história “oficial” da cidade de Araci foi escrita por Maura Mota Carvalho Lima, no ano de 1956, tataraneta do fundador José Ferreira de Carvalho.

⁴ A palavra “máquina” indica nesse contexto a tecnologia agrícola, equipamentos, como tratores, que substituíram a força do trabalho de muitas pessoas na labuta dos afazeres rurais.

⁵ Embora sua introdução no Brasil date dos anos 70, somente no início dos anos 90 a história oral experimentou aqui uma expansão mais significativa. Ver: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M.; (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**.

⁶ Um pequeno grupo de pesquisadores italianos, no final dos anos 70 e início da década de 80, colocou em prática uma nova proposição historiográfica, denominada micro-história. Esses pesquisadores tinham em comum: uma distância crítica a abordagem macrossocial, todos se esforçaram para dar as experiências dos atores sociais do “cotidiano” e do “vivido” uma significação e uma importância frente ao jogo das estruturas e à eficácia dos processos maciços, anônimos, inconscientes que por muito tempo pareceram ser os únicos a chamar a atenção dos pesquisadores. Ver: REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**.

⁷ Para Marc Bloch “A história é a ciência dos homens no tempo” tendo o “homem” como seu maior protagonista. Reconduziu as discussões para a variedade dos métodos e a utilização de novas fontes documentais. Ver: Marc Bloch. **Apologia da História ou o ofício de historiador**.

⁸ O inventário *post mortem* do Coronel Antônio Ferreira da Motta, registrado no Cartório de Serrinha em 23 de out. de 1928, descreve a vasta propriedade de suas terras e posses, foi dono de escravos(as), além de grande pecuarista da Região Sisaleira. Inventário disponível no: CEPDOC-UNEB, Conceição do Coité, 150 c.

⁹ Até o ano de 1890, a Vila do Raso era denominada Freguesia Nossa Senhora da Conceição do Raso e pertencia ao município de Tucano. Após 1904, o intendente Antônio Oliveira da Mota através de decreto muda o nome para Vila de Araci, decreto de 21 de setembro de 1904. (LIMA, 1985, p.62)

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M.; (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006, p. ix.

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CARVALHO, Maria Cristina Machado. **A Família Cazumbá em São Gonçalo dos Campos/1870-1910**. Cachoeira, 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo Baiano.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M.; (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006, p.215-218.
- CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M.; (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006, p.149 a 164.
- FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)** Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2006.
- GINZBURG, “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- . **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revistados Tribunais, 1990, p. 9-17.
- LIMA, Maura M. C. **História de Araci (período de 1812 a 1956)**. Salvador: EGBA, 1985.
- POLLACK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio**. **Estudos Históricos**. Vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989, p. 03-15.
- REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SLENES, Robert W. **Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- THOMPSON, E.P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- . **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FONTES

Entrevista com Agripino Gonsalves, realizada em 15 de fevereiro de 2015- duração 50 minutos.

Hinos e versos da Bandeira, coletados em entrevista aos moradores da comunidade de Pau de Rato - Araci/BA, realizada em 20 de fevereiro de 2015.

Inventário *post mortem* do Coronel Antônio Oliveira da Mota (1928), disponível no arquivo CEDOC-UNEB/ Conceição do Coité-Ba.

Registro de Casamento entre Antonio Gonsalves dos Santos e a escrava Josepha. Fórum Júlio Carvalho Oliveira, Cartório de Araci-Bahia, Livro de registros de casamento (1878-1882), n.1.